

#cm
2

QUARTA-FEIRA

Brandon Fraser
brilha em
longa com
CEP japonês

PÁGINA 3

Rush recruta
baterista e
volta aos palcos
em 2026

PÁGINA 6

Transtornos
mentais
tratados com
respeito

PÁGINA 8



'Plataformas de música aprisionaram a criatividade do pop'

Fernanda Abreu lança documentário sobre os 30 anos da gravação de 'Da Lata', o seu álbum mais revolucionário

Por **Matheus Rocha** (Folhapress)

Quem ligasse o rádio em 1995 tinha grandes chances de ouvir o rock escrachado dos Mamonas Assassinas, o sertanejo açucarado de Zezé Di Camargo e Luciano e o pagode dilacerante do Só pra Contrariar. Fernanda Abreu, porém, estava olhando para outra direção naquele ano. A artista decidiu unir o funk que despontava das favelas cariocas com o

samba que já havia conquistado prestígio internacional para conceber um disco com a cara do Brasil. Não à toa, batizou o projeto de "Da Lata" - material que evoca de uma só vez a inventividade do batoque e a precariedade da nossa condição de país emergente.

"A lata faz alusão justamente a esse jeito 'se vira nos 30' do povo brasileiro. É aí que reside a nossa liberdade e a nossa criatividade." A ideia, porém, não foi bem recebida pelo presiden-

te de sua então gravadora. "Ele disse que não daria certo, mas esses caras de gravadora nem sempre são os donos da verdade. Eles se equivocam e se equivocam muito."

A previsão do executivo de fato não se confirmou. Lançado em março de 1995, o disco foi eleito pela Billboard o melhor álbum latino-americano naquele ano e vendeu mais de 100 mil cópias, dando à artista o seu primeiro disco de ouro. Em razão do sucesso, a cantora foi convidada a se apresentar em países como França, Holanda e Alemanha. Para marcar os 30 anos do trabalho, ela lança nesta quarta-feira (8), no Festival do Rio, um documentário mostrando os bastidores das gravações. **Continua na página seguinte**

Um disco que não envelheceu



O longa traz ainda depoimentos de pessoas que participaram da criação do projeto, como o produtor Liminha, o fotógrafo Walter Carvalho e a coreógrafa Deborah Colker. “Achei que valia a pena fazer um grande projeto por ser um disco que não envelheceu. A linguagem musical dele trouxe o Brasil para dentro da música dançante de forma definitiva.”

Para a cantora, no entanto, lançar o projeto hoje em dia seria um desafio em razão das mudanças que aconteceram na indústria musical. “Com esse disco, eu queria subverter algumas coisas, mas talvez isso seja o mais difícil hoje em dia. Agora, você tem que fazer uma música até tantos minutos, tem que fazer uma produção até tantos segundos e tem que ter um assunto tal”, diz ela. “As plataformas digitais aprisionaram a criatividade e a liberdade da música pop.”

Se a indústria musical mudou de forma profunda nesses 30 anos, o Brasil segue muito parecido com aquele país que inspirou o disco. “Continuamos nessa desigualdade absurda e o artista ainda precisa se virar nos 30.” Ela diz que a brasilidade é justamente um dos motivos para o sucesso do trabalho. “Eu, Lenine e Chico Science fizemos parte de uma geração que estava vendo as sonoridades do país de outra forma. Queríamos pôr o Brasil novamente na música.”

Os ritmos nacionais, de fato, permeiam o trabalho, o que pode ser sentido com a presença de instrumentos de percussão. Os assuntos das faixas também são tipicamente brasileiros. “Veneno



Divulgação

Fernanda Abreu nos bastidores de uma apresentação da turnê ‘Da Lata’



Reprodução

Fernanda Abreu e Herbert Viana em estúdio durante a gravação do álbum ‘Da Lata’

da Lata”, por exemplo, faz alusão a um caso folclórico ocorrido em 1987, quando cerca de 14 mil latas contendo maconha aportaram no litoral carioca.

Marca registrada

Outra faixa marcante do disco é “Garota Sangue Bom”. A música se tornou tão marcante na carreira de Abreu que acabou se confundindo com a imagem pública da cantora. Não raro, ela é apresentada como a garota carioca suíngue sangue-bom. “Eu posso estar com 90 anos, mas as pessoas continuarão me apresentando assim. Virou

uma espécie de marca registrada.” Sua letra, aliás, vai além dos estereótipos associados às mulheres cariocas. Na canção, elas não são apenas um corpo sensual, mas também seres pensantes. “Sempre existiu essa ideia da mulher carioca gostosa, mas nunca falavam da inteligência. É como se as mulheres bonitas não pudessem ser inteligentes.”

A verve feminista da cantora pode ser vista, inclusive, em uma das fotos de divulgação do disco. Na imagem, Abreu transforma duas painelas num sutia improvisado, como se debochasse da ideia

de que o lugar da mulher é na cozinha. De instrumento de opressão, a panela vira um símbolo de rebeldia.

A artista diz ter precisado se impor para ser respeitada numa indústria dominada por figuras masculinas. “Tive de ter jogo de cintura para trabalhar com muitos homens. O caminho é não se deixar oprimir e manter o que você quer”, diz ela. “A minha sorte é que o disco era meu. Então, quando falavam que o trabalho devia ser isso ou aquilo, eu dizia: ‘Querido, faz isso no seu disco. Esse aqui é o meu.’ A gente cede quando as pes-

soas têm razão. Quando não têm, não há motivo para isso.”

Integridade artística

Essa preocupação com a própria integridade artística se fez notar logo no início da carreira. Em 1982, a cantora despontou como backing vocal da Blitz, grupo que conquistou enorme sucesso com músicas como “Você Não Soube Me Amar” e “A Dois Passos do Paraíso”. Após a separação da banda, em 1986, Abreu diz que gravadoras queriam contratá-la para lançar sua carreira solo. No entanto, recusou todos os convites. “O que eu tinha para oferecer? Naquele momento, nada. Por isso, percebi que precisava entender qual som eu queria fazer.”

O resultado dessa busca chegou às lojas em 1990, quando a artista lançou “SLA Radical Dance Disco Club”. Fundamental para o fortalecimento do pop dançante no país, o disco ajudou a renovar um cenário musical fortemente ancorado no rock. Nesse trabalho, decidiu incluir elementos do funk carioca num momento em que a perseguição a esse gênero era grande. “Em 1989, quando fui num baile funk, falei: ‘Fodeu. Acabou pra mim.’ Não conseguia nem dormir. No dia seguinte, levei o DJ Malboro para gravar comigo.” O fruto dessa parceria é “Disco Club 2 (Melô do Radical)”, uma das faixas do disco de estreia.

Em 1992, a cantora lançou seu segundo álbum de estúdio, intitulado “SLA 2 Be Sample”. Faz parte desse trabalho a icônica “Rio 40 Graus”, música que se tornou o maior sucesso de Abreu e uma das sínteses mais bem-acabadas sobre o Rio de Janeiro, descrito na música como o purgatório da beleza e do caos. “Se a gente fizesse hoje, eu só incluiria a milícia, que não tinha na época. O resto está tudo lá.”

Com sucessos como esse, Abreu se tornou uma das figuras centrais para a consolidação do pop, gênero ainda hoje visto como descartável. “Estou aqui para provar que isso não é verdade. A minha carreira de 35 anos mostra que é possível. Basta fazer música com verdade e consistência”, defende.

Um 'filme delícia' à luz de Brendan Fraser

Renascido das cinzas depois de 'A Baleia', ator pode disputar o Oscar mais uma vez com uma 'sessão da tarde' rodada no Japão, 'Família de Aluguel', que passa hoje na maratona carioca



James Lisle/Divulgação

'Família de Aluguel' traz Fraser no apogeu de sua maturidade num equilíbrio fino entre riso e pranto no papel de um ator falido que vive no Japão

James Lisle/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Pavimentada sob o faz de conta, Hollywood estoura rojões quando fareja um comeback, jargão da indústria audiovisual para a reconfiguração de carreiras que embotaram seja por polêmicas, seja por escolhas infelizes. É o caso de Brendan Fraser, que tem assegurado ao Festival do Rio uma das interpretações mais doces (e contagiantes) da programação do evento em "Família de Aluguel" ("Rental Family"). Tem sessão dele nesta quarta-feira, às 19h, no Cinesystem Belas Artes, e mais um par de projeções no fim de semana: sábado, às 16h15, no Reserva Cultural, e domingo, às 17h15, no Estação NET Gávea. Cada vez que essa produção é exibida as apostas no Oscar para sua trajetória futura aumentam, com o astro de 56 anos no radar. A consagração de

seu desempenho em "A Baleia" (hoje na Netflix), em 2022, com direito a ganhar a estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, redefiniu sua relevância na cultura pop, onde ele despontou como uma garantia de sucesso na década de 1990, derrapando fragorosamente há 20 anos cravados, depois de participar de "Crash: No Limite".

"Gosto de trabalhar com cineastas que tenham uma visão precisa do que esperam do set e me interesse pelo mecanismo da fábula moral de redenção", disse Fraser ao Correio da Manhã no Festival de Tribeca, quando roubou a cena de gigantes como Don Cheadle e Benicio Del Toro em "Nem Um Passo Em Falso" (2021), de Steven Soderbergh, vindo de um longo oco.

Exibido no Festival do Rio no domingo, no Kinoplex São Luiz, "Família de Aluguel" traz Fraser no apogeu de sua maturidade num equilíbrio fino entre riso e pranto no papel de um ator



A realizadora Mitsuyo Miyazaki imprimiu delicadeza na direção de 'Família de Aluguel'

falido que vive no Japão e, numa Tóquio repleta de desconexões, vira operário numa agência que forja "parentescos"... e afetos. É assim: se uma pessoa está solitária e sonha ter um "parente" para chamar de seu, ela aluga os serviços dessa companhia que providencia alguém para se passar como um primo distante e até uma figura paterna há muito sumida.

Phillip Vandarploeug, o tal ator encarnado por Fraser, é esca-

lado pela tal agência para se passar pelo pai de uma garotinha... para ser o noivo postiço de uma jovem que ainda não pode sair do armário... para ser o entrevistador de uma lenda do cinema. Essas aventuras sentimentais são dirigidas com delicadeza pela realizadora Mitsuyo Miyazaki, conhecida apenas como Hikari. A fotografia de colorido primaveril de Takurô Ishizaka imprime leveza ao visual de um filme que se candidata a êxito popular,

calçado na precisão de Fraser em humanizar o arquétipo do looser. É uma evocação à estética de cineastas autorais como Frank Capra (de "A Felicidade Não Se Compra") só que multicultural, deliciosamente engraçado.

Essa persona do desterritorializado que ajuda uma gente muito só a se sentir querida refina o percurso que Fraser fez ao retomar os trilhos de sua profissão, com a qual havia perdido o elã. "A Múmia" (1999) fez dele um astro. "Viagem ao Centro da Terra" (2008) lotou de brasileiros afoitos por vê-lo. A escolha do popularíssimo dublador Guilherme Briggs para ser sua voz oficial no Brasil aumentou ainda mais sua fama. Contudo, um turbilhão de crises pessoais, somadas a escolhas de filmes equivocados, levou-o ao ostracismo de 2010 em diante, com exceção de uma participação dele como a voz do Homem-Robô na série "Patrulha do Destino", da HBO Max. Sua vida perdeu o viço do passado. Aí veio "A Baleia", três anos atrás. De cara, esse drama sobre um professor de Redação com obesidade em alto grau, às voltas com a morte anunciada, encantou o Festival de Veneza, que lhe rendeu uma indicação ao Leão de Ouro. No caminho, a Academia de Hollywood achou que era hora de Fraser vicejar outra vez, ao ver do que ele foi capaz de fazer numa longa que enfrenta a gordofobia, a homofobia e uma série de outras violências para celebrar a serenidade.

Agora, com "Família de Aluguel" a confiança que o cinema depositou nele foi devidamente justificada. Temos, enfim, o primeiro "filme delícia" deste Festival do Rio, graças ao empenho de Fraser, que renasceu e segue, feito Fênix, a voar.



Em 'Romaria', Marina viaja até a costa da Espanha onde se depara com parentes que nunca conheceu

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Representado nas telas do Festival do Rio por uma esquadra de realizadoras sintonizadas com conflitos de pertencimento como Avelina Prat (“Uma Quinta Portuguesa”) e Eva Libertad (“Surda”), o audiovisual de CEP espanhol arrebatou as plateias cariocas nesta terça-feira (7) com “Romaria”, que chegou à cidade trazendo uma indicação à Palma de Ouro de Cannes, onde a diretora Carla Simón foi aclamada pela crítica. Quem trouxe o longa-metragem ao Brasil foi María Zamora, que hoje produz um sucesso atrás do outro, já sintonizada com a América Latina.

“Vou produzir a chilena Manuela Martelli, que dirigiu ‘1975’, num projeto chamado ‘El Deshielo’, e vou fazer o novo filme de Tatiana Huezo”, antecipa María Zamora, ao Correio, lembrando que levantou outras três produções de sua Espanha natal, além do cult de Simón, com quem trabalha há dez anos. “Ela é uma parceira generosa com quem eu partilho não só o processo artístico, mas também decisões sobre trailers e questões práticas da filmagem”.

Com sessões nesta sexta (às 14h, no Cinesystem Belas Artes) e no domingo (às 21h30, no Kinoplex São Luiz 2), “Romaria” saiu do papel em meio ao êxito mundial de “Alcarràs”, que assegurou o

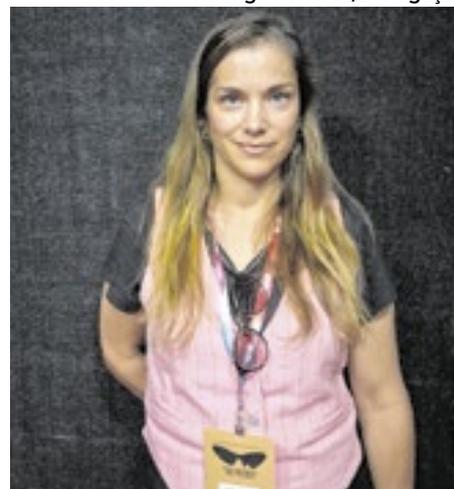
Urso de Ouro a Simón e a María em 2022. Aqui, essa trama sobre um clã de agricultores ligados ao plantio de pêssego está na grade da plataforma Mubi.

“Não há um só ano em que os grandes festivais do mundo não tragam filmes espanhóis nas sessões de maior relevo de suas mostras, revelando uma nova geração de artistas de um país antes conhecido por Pedro Almodóvar e por Carlos Saura. Isso também se aplica a uma nova geração de produtores, que buscam financiamento em fontes diferentes. O caso de ‘Romeria’, por exemplo, envolve a Netflix Espanha, Moviestar e a TVE”, explica María, que participou de títulos premiados como “O Corno do Centeio”, que ganhou a Concha de Ouro de 2023, e “Creatura”, uma sensação em Cannes há dois anos.

Espanha avança

Cults como ‘Romaria’ renovam o prestígio da pátria de Pedro Almodóvar nos festivais de maior prestígio à força de uma nova linhagem de produtoras

Rodrigo Fonseca/Divulgação



Quem trouxe ‘Romaria’ ao Brasil foi María Zamora, que hoje produz um sucesso atrás do outro, já sintonizada com a América Latina

Com “Romaria”, o Festival do Rio megulha na cruzada de Marina (Llucia Garcia), uma jovem de 18 anos, órfã desde pequena, que viaja até a costa atlântica da Espanha para obter uma assinatura dos avós paternos — que nunca conheceu — a fim de poder completar a inscrição em uma bolsa de estudos. Ela enfrenta um mar de novos tios, tias e primos, sem saber se será acolhida ou recebida com resistência. Ao despertar emoções há muito enterradas, reviver ternuras esquecidas e revelar feridas não ditas ligadas ao passado, Marina tenta juntar as memórias fragmentadas e muitas vezes contraditórias dos pais de que mal se lembra. A Aids e a dependência química são fantasmas no arranjo familiar que passa a acolher a moça.

Uma das cineastas de maior prestígio do Velho Mundo hoje, a catalã Isabel Coixet é outra voz autoral da Espanha que ecoa neste Festival do Rio. Ela integra o evento com o drama “Três Despedidas”, rodado na Itália. Nele, tudo parte do que parece ser uma briga trivial entre Marta (Alba Rohrwacher) e Antonio (Elio Germano). O casal termina a relação, na fricção do ressentimento. A reação de Marta é se fechar em si mesma e ficar fora do mundo. A única coisa que ela não consegue ignorar é sua perda brusca de apetite.

O Festival do Rio segue até domingo. No próximo dia 15, a Espanha vai abrir a Mostra de São Paulo com “Sirat”, do galego Oliver Laxe.

Franco, como o sobrenome sugere

Diretor mexicano que mais expõe a falência moral de sua pátria desarma ardis paternalistas da América Latina nas telas com 'Sonhos', que disputou o Urso de Ouro

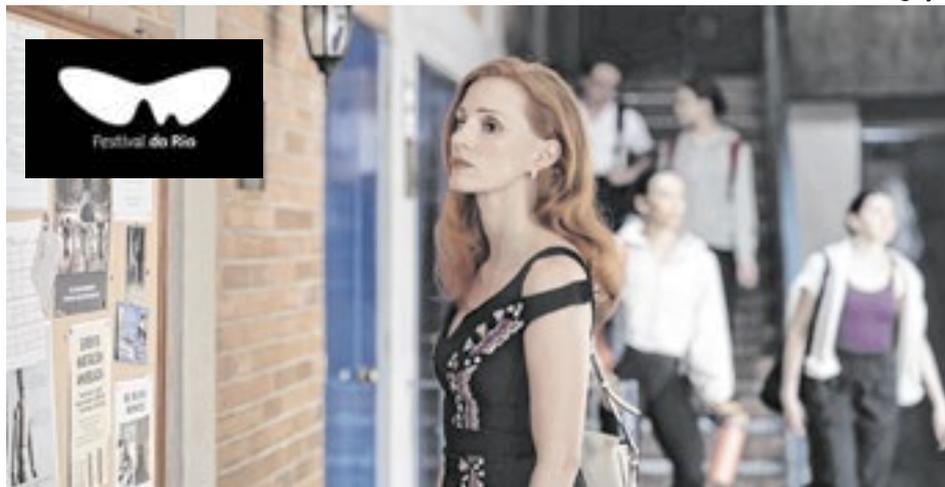
Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Michel Franco não almeja ser chamado para dirigir filmes de super-heróis ou fantasias no molde Harry Potter, ao contrário de seus compatriotas Guillermo Del Toro e Alfonso Cuarón. O México que enquadra não tem espaço para vigilantes nem para magia. Quem for à projeção de "Sonhos", no Kinoplex São Luiz 2, nesta quinta, às 19h, vai sentir a crueza... e a crueldade... de que ele fala. Concorreu ao Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro, a produção parte do mundo da dança para estruturar uma geopolítica de desilusão.

"Yves Cape, um fotógrafo belga que virou o meu colaborador mais próximo nos últimos anos, numa trajetória de seis longas, já sabe que opero a partir de processo de co-



'Sonhos' Concorreu ao Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro

municação com minha equipe no qual só o olhar basta para dar as indicações da cena", respondeu Franco ao Correio da Manhã, em Berlim, ao falar sobre a dinâmica criativa de uma trama com foco nas sequelas da imigra-

ção entre a sua nação e os Estados Unidos.

Trump havia acabado de ser reeleito quando Franco levou "Sonhos" às telas alemãs, pautado por uma lógica avessa a esperanças a partir da qual cunhou os devastado-

res "Nuevo Orden" (Grande Prêmio do Júri em Veneza, em 2020) e "Chronic", ganhador do prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 2015.

"Se acredito no sonho americano? Hoje, não mais, e tenho autonomia para sobreviver de forma autônoma, apoiado na confiança que estrelas como Jessica Chastain, uma das maiores atrizes do mundo, depositam em mim".

Da mesma forma como fez uma parceria sólida com Tim Roth, Franco tem estabelecido Chastain como a sua atriz assinatura. Fizeram "Memory", em 2023, e unem-se agora no que o cineasta chama de "uma história de amor".

Jennifer, a milionária vivida por Jessica em "Sonhos", é a administradora de uma fundação de filantropia que investe em dança, em São Francisco, num apoio a quem migrou. Passa a viver uma tórrida paixão com um bailarino do México: o jovem Fernando (Isaac Hernández). Vetores da política americana acerca de estrangeiros vão influir na relação de ambos, e liberar demônios no rapaz. "Depois de ver Isaac em cena, a bailar, percebi que ele e responsável por reaproximar o México da arte da dança", diz Franco, produtor de "Olmo: Entre o Dever a Festa", que passa no Festival do Rio na sexta, às 19h45, no CineCarioca José Wilker.

AS BOAS DO DIA - QUARTA-FEIRA (8/10)

POR RODRIGO FONSECA



Justa

JUSTA, de Teresa Villaverde (Portugal): A diretora de "Colo" (indicada ao Urso de Ouro de 2017) e de "Transe" (sensação de Cannes de 2006) volta às telas numa trama ambientada em 2017, em meio a grandes incêndios que destruíram florestas e mataram crianças e adultos, na região das aldeias lusas. A trama acompanha um núcleo pequeno de pessoas que perderam os familiares mais próximos e que agora estão no processo de aprender a viver depois de tudo o que aconteceu. Betty Faria tem atuação estonteante em cena. Onde: CineCarioca José Wilker 2, 17h45.



A Cronologia da Água

A CRONOLOGIA DA ÁGUA "The Chronology of Water", de Kristen Stewart (EUA): Doída adaptação do livro homônimo de Lidia Yuknavitch, protagonizada pela atriz Imogen Poots. Ela vive uma nadadora olímpica que luta para superar uma infância traumática marcada por abuso sexual. Criada em um ambiente dilacerado pela violência e pelo álcool, Lidia parecia destinada à autodestruição e ao fracasso, até que as palavras lhe ofereceram uma liberdade inesperada na forma de literatura. Onde: Odeon, 19h30.



A Sapatona Galáctica

A SAPATONA GALÁTICA ("Lesbian Space Princess"), de Emma Hough Hobbs e Leela Varghes (Austrália): A animação australiana ganhou um reforço e tanto ao conquistar o troféu Teddy da Berlinale 2025 com esta comédia interplanetária. Em seu enredo, a princesa Saira, filha das extravagantes rainhas lésbicas do planeta Clitópolis, fica arrasada quando perde sua namorada, mas ela precisará deixar o conforto da "gaylândia" para salvar a amada de um sequestro e entregar o resgate solicitado. Onde: Cine Santa, 20h30.

É hora do Rush (de novo)!



Divulgação

Geddy Lee e Alex Lifeson na foto oficial da turnê que terá, inicialmente, shows em sete cidades do Canadá, México e Estados Unidos

Divulgação

Geddy Lee e Alex Lifeson anunciam turnê para 2026 com a baterista alemã Anika Nilles substituindo o lendário Neil Peart

Por Affonso Nunes

O silêncio que pairou sobre o universo do rock em relação a uma de suas bandas mais emblemáticas finalmente será quebrado. Geddy Lee e Alex Lifeson, os fundadores remanescentes do Rush, anunciaram nesta segunda-feira (6) o retorno da banda canadense aos palcos com a turnê “Fifty Something”, programada para 2026. A notícia provocou uma explosão de euforia entre os fãs ao redor do mundo, que há mais de uma década aguardavam por este momento, especialmente após a morte do icônico baterista e letrista Neil Peart, em 2020.

A turnê marca não apenas o retorno de uma das bandas mais influentes do rock, mas



Anika Nilles, que foi baterista da banda de Jeff Beck, foi a escolhida para assumir das baquetas do Rush

também uma homenagem tocante ao legado de Peart, cuja ausência deixou um vazio que parecia impossível de ser superado. O anúncio, feito através do site oficial da banda e de um vídeo gravado no estúdio de Geddy Lee, representa o fim de um período de luto artístico que se estendeu por quase seis anos desde a morte do músico, vítima de câncer aos 67 anos.

O hiato prolongado do Rush começou oficialmente em 2015, com o encerramento da turnê R40, que celebrava os 40 anos de carreira da banda. Na época, Neil Peart já ha-

via sinalizado seu desejo de se aposentar dos palcos, citando o desgaste físico das extensas turnês e o desejo de passar mais tempo com a família. A decisão do baterista, conhecido por sua precisão técnica incomparável e letras profundas, efetivamente colocou a banda em um estado de pausa indefinida, deixando milhões de fãs na incerteza sobre o futuro do aclamado power trio.

A importância de Peart para o sucesso e identidade é latente. Considerado um dos maiores percussionistas da história do rock,

Peart era também o principal letrista da banda, responsável por criar universos conceituais complexos que abordavam desde ficção científica até filosofia existencial. Suas composições elevaram o Rush de uma banda de hard rock a referência do rock progressivo, ainda que flertasse com sonoridades pop, um pop altamente sofisticado aliás.

A trajetória do Rush começou em 1968, quando o guitarrista Alex Lifeson e o baterista John Rutsey formaram a banda em Toronto. Geddy Lee se juntou ao grupo pouco depois, assumindo os vocais e o baixo. A formação clássica se consolidou em 1974, quando Neil Peart substituiu Rutsey na bateria, trazendo consigo não apenas habilidades técnicas excepcionais, mas também uma visão artística que transformaria completamente a direção musical da banda. A partir de então, o Rush embarcou em uma jornada de quatro décadas que os levaria do underground canadense ao status de lenda mundial.

O período áureo da banda se estendeu dos anos 1970 aos 1980, com álbuns semanais como “2112” (1976), “Moving Pictures” (1981) e “Permanent Waves” (1980). A destreza técnica individual de cada músico construiu um sólido edifício sonoro.

Agora, a chegada da baterista alemã Anika Nilles representa um novo capítulo nesta saga e sua adesão é cercada de expectativas. Reconhecida por sua versatilidade e técnica apurada, Anika já demonstrou sua competência ao acompanhar Jeff Beck (1944-2023) em mais de 60 apresentações e através de quatro álbuns solo que exploraram territórios musicais diversos. “A vida é cheia de surpresas, e fomos apresentados a uma pessoa extraordinária - uma baterista e musicista incrível que está acrescentando outro capítulo à nossa história enquanto continua sua própria jornada musical fascinante”, declarou Geddy Lee sobre a nova integrante. “Não poderíamos estar mais animados em apresentá-la aos nossos fãs.”

O apoio da família de Neil Peart ao projeto foi imediato. Carrie Nuttall-Peart, viúva do músico, e Olivia Peart, sua filha, endossaram publicamente a turnê, reconhecendo-a como uma homenagem apropriada ao legado “inigualável” do baterista.

A turnê terá início em Los Angeles, no Kia Forum - o mesmo local do último show da banda em 2015. Os sete shows programados, que se estenderão de junho a setembro de 2026, passarão por cidades emblemáticas como Cidade do México, Chicago, Nova York, Toronto e Cleveland, criando uma rota que conecta diferentes gerações de fãs norte-americanos. Os ingressos começam a ser vendidos a partir de 17 de outubro.

O Nordeste como régua e compasso

Paraibano Juzé lança 'Mormaço de Fogueira', EP com sotaque marcante de festa junina

Por Affonso Nunes

O cantor e compositor paraibano Juzé escolheu o Dia do Nordeste para lançar seu primeiro trabalho dedicado integralmente à música regional. "Mormaço de Fogueira", EP com oito faixas que inclui seis músicas e duas poesias, chega às plataformas digitais nesta quarta-feira (8) celebrando o forró.

O projeto reúne veteranos



Divulgação

Juzé escolheu o dia do nordestino para lançar seu novo trabalho

como Elba Ramalho, Flávio José e Maciel Melo e Juliana Linhares, nome de destaque da nova cena musical nordestina. O paraibano Juzé cresceu imerso na cultura ju-

nina. "Lembro que o primeiro aniversário mais produzido que minha mãe pôde fazer pra mim, aos sete anos, foi de festa junina", conta o artista.

O EP abre com a poesia "Nordeste me Veste", parceria com Juliette Freire, seguida por "Nordeste Destino", que se tornou um hino entre os fãs do cantor. A música

nasceu de um desabafo em 2022, quando Juzé vivia no Sudeste e sentia saudades da terra natal. "Ela veio numa talagada só, numa mistura completa, como um rubacão de vovó", descreve.

O encontro com Flávio José em "Agarrado" representa a realização de um sonho antigo. "Ter a voz de Flávio cantando uma música minha era um desejo que eu tinha desde menino", revela Juzé, emocionado. O veterano retribui o carinho: "É um artista jovem talentoso de muito futuro. Adorei essa música 'Agarrado'".

Maciel Melo empresta sua voz poética a "Tampa de Pedra", um xote melancólico sobre desencontros amorosos. Já Elba Ramalho divide com Juzé a vibrante "Fé em quem me Deu Valor". "Cantar com Elba uma canção sobre fé é um privilégio", afirma o paraibano.

O álbum encerra com "Saudade de Coração", interpretada ao lado de Juliana Linhares. Juzé não economiza elogios à potiguar: "É uma voz para ser ouvida com atenção e sentimento porque ela arrebatava, tira os pés da gente do chão".

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Intercâmbio

O artista franco-brasileiro Tiago Caetano apresenta pela primeira vez no Brasil seu álbum "Eco da Baía" nesta quarta-feira (8), às 20h, na Audio Rebel. O disco, lançado pelo selo francês Yotanka, mistura MPB com Indie Pop contemplativo, com influências de Devendra Banhart e Andrea Laszlo. Atualmente em residência artística na cidade, o músico desenvolve experimentações sonoras com artistas locais.



Divulgação

Em dueto

A cantora Julie Wein e o violonista Cello Cascino apresentam nesta quarta-feira (8), às 20h, no Palácio da Música, show dedicado aos clássicos da música brasileira. O repertório inclui composições de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Edu Lobo e Chico Buarque em arranjos para dueto vocal, violão e piano. Entre as canções estão "Falando de Amor", "Só Tinha de Ser com Você", "Você Vai Ver" e "Águas de Março". A proposta valoriza a Bossa Nova com interpretações que destacam a essência melódica das obras selecionadas pelos artistas.



Divulgação



Divulgação

Música no Museu

O pianista Cláudio Vettori (foto) e o oboísta Harold Emert se apresentam nesta quarta-feira (8), às 12h30, no CCBB RJ, dentro do projeto Música no Museu. Vettori é formado pelo Conservatório Brasileiro de Música e premiado em Chicago. Emert estudou em Nova York (EUA) e Freiburg (Alemanha), está no Rio desde 1973 e já colaborou com OSB e os artistas populares Lenine, Ed Motta e Milton Nascimento. O repertório inclui árias de ópera e clássicos internacionais em formato de duo para piano e oboé.

Transtornos mentais tratados com humor e sensibilidade

‘Limítrofe’, de Oscar Calixto, aborda ansiedade, depressão e os efeitos das redes sociais na saúde mental

Josi Areia/Divulgação



Três desconhecidos se encontram no telhado de um prédio de 20 andares e, a partir desse encontro aparentemente casual, desencadeiam reflexões profundas sobre os transtornos mentais que marcam o século. É essa a premissa de “Limítrofe”, em cartaz no Teatro Dulcina. Com texto inédito de Oscar Calixto e direção de Daniel Dias da Silva e Anderson Cunha, a montagem utiliza o formato de “dramédia” para abordar questões como ansiedade, depressão e o fenômeno dos humores instáveis que caracterizam a sociedade contemporânea.

A trama apresenta Cláudia, uma mulher que parece ter saído de um ensaio de dança; Paschoal, um ator de televisão que irrompe no espaço de forma abrupta; e Marcos, um escritor que surge inesperadamente no local. O encontro entre os três personagens, interpretados por Malu Falangola, Raphael Najan e o próprio Oscar Calixto, gera uma série de trocas de farpas, análises, diagnósticos precipitados e discussões filosófico-existenciais temperadas com humor e ironia.

A dramaturgia foi desenvolvida com consultoria de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, tendo como referências teóricas pensadores como Sigmund Freud, Carl Jung, Jacques Lacan e Zygmunt Bauman. “O desejo de levar esse tema ao teatro nasce da pura observação de uma sociedade que vem transformando absurdos em coisas normais. Sociedade que vem adoecendo e impulsionando os índices dos casos de suicídio no mundo inteiro”, explica Oscar Calixto.

O autor destaca que a peça também discute transformações no mercado de trabalho e como as redes sociais estão sendo normalizadas e passam a agir no inconsciente coletivo. Segundo dados da International Stress Management Association (ISMA), o Brasil lidera o ranking mundial de pessoas ansiosas, com altos índices de estresse entre trabalhadores e significativa incidência do Transtorno de Personalidade Limítrofe ou Borderline.

A montagem surge como uma proposta artística e social para promover conscientização sobre transtornos mentais e suas variações de gravidade. Por meio da combinação entre humor, drama, poesia e sensibilidade, o espetáculo convida o público a refletir sobre julgamentos apressados, rótulos e a maneira como lidamos com o sofrimento alheio. “Fazemos isso de modo muito simples: nós apenas contamos uma história. E acreditamos que o ato de colocar o tema em cena já seja um modo de ajudar o público a pensar sobre o assunto”, pondera Oscar sobre a abordagem escolhida.

O dramaturgo faz referência à série

“Desperate Housewives” como exemplo de como o formato “dramédia” pode ser eficaz para discutir temas sensíveis como o suicídio, permitindo que drama e comédia coexistam, muitas vezes na mesma cena. A proposta de “Limítrofe” é abordar questões complexas de maneira leve e alinhada com a causa, proporcionando ao público momentos de riso, diversão e emoção através de uma narrativa onde o imprevisível é o elemento central.

Durante a temporada de estreia, profissionais da saúde mental serão convidados para promover debates com o público uma vez por semana, com datas a serem anunciadas previamente no Instagram @espeticulolimitrofe. Para Oscar Calixto, um dos grandes problemas contemporâneos está na absorção e normalização do modus operandi das redes sociais em nossas vidas. O autor defende a necessidade de criar “pequenos espaços de contemplação da vida” como forma de resistência.

“Num mundo cheio de telas e de milhares de informações por dia, é importante saber dosar com equilíbrio o uso da tecnologia, filtrar um pouco as informações e abrir esses espaços de contemplação”, argumenta Oscar. Ele alerta que estamos praticando a mesma violência presente nos comentários agressivos das redes sociais e nos tornando seres “normóticos”, termo cunhado pelo educador francês Pierre Weil. A “normose”, conceito desenvolvido por Pierre Weil, Jean-Yves LeLoup e Roberto Crema, descreve hábitos e atitudes consideradas normais pela sociedade, mas que são prejudiciais e causam sofrimento.

Embora reconheça a dificuldade de frear essa estrutura que consumimos diariamente, Oscar acredita ser possível trazer consciência sobre a importância do autocuidado. “A saída não é única, mas múltipla. Filosoficamente, resgatar o tempo da contemplação e do encontro genuíno. Psicologicamente, cultivar sentido, presença e vínculos empáticos. Psiquiatricamente, alinhar recursos clínicos com práticas de autocuidado e políticas públicas de suporte”, conclui o dramaturgo. Para ele, não se trata de escapar da realidade acelerada, mas de instaurar pequenas zonas de resistência, silêncio, escuta e cuidado mútuo que permitam viver como sujeitos e não como engrenagens de uma máquina apressada.

SERVIÇO

LIMÍTROFE

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)

Até 26/10, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)